

## **“EDUCOMUNICAÇÃO: O JORNAL IMPRESSO COMO RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO.”**

*Kellin Cristina Melchior Inocêncio*

*Mary Raquel Storrer Weber*

*Cristiane Dall' Agnol da Silva Benvenutti*

### **RESUMO**

O presente artigo dialoga com a contribuição do jornal impresso como recurso didático-pedagógico enquanto estímulo à leitura dos educandos do primeiro ciclo do ensino fundamental. Aborda-se a relação estabelecida entre eles – jornal e aprendiz – e a prática progressista libertadora a partir dos conceitos e propostas pedagógicas do autor Paulo Freire. O estudo contempla o espaço e recorte temporal da escola em sua contemporaneidade, dando aporte à formação autônoma e consciente do educando. A análise acerca da Pedagogia Progressista Libertadora, também denominada “*Pedagogia de Paulo Freire*”, se faz presente ao longo do texto com o intuito de evidenciar a importância desta para a educação brasileira, bem como seu valor social perante o processo de formação da criança. O conceito e relevância da comunicação no contexto escolar, sobretudo de qual maneira a educomunicação é capaz de auxiliar a prática da leitura e viabilizar o processo de conscientização do sujeito, alinhava a exposição do conteúdo. O artigo aborda também as características da educação dialógica, das práticas pedagógicas e formas de comunicação propostas por Freire, Baccega e Martin-Barbero no que tange o uso da leitura, destacando o jornal impresso como recurso pedagógico para a construção e reconstrução do conhecimento, da inserção do aprendiz junto à comunidade escolar e, como um todo, do processo de aquisição da leitura e consciência do educando, e mais, seu papel no grupo social a que pertence.

**PALAVRAS-CHAVE: EDUCOMUNICAÇÃO. JORNAL IMPRESSO. LEITURA. VISÃO DE MUNDO.**

## INTRODUÇÃO

A Internet revolucionou a forma de comunicação entre as pessoas dinamizando as relações e ampliando o círculo social dos indivíduos. Os lugares, cidades, continentes, até o espaço celeste, passaram ser vistos/conhecidos com rapidez nunca antes imaginada. As redes sociais propiciam às pessoas a troca de conhecimentos e informações em curto espaço de tempo, as notícias sobre os fatos que ocorrem em todos os lugares do planeta são rapidamente veiculados e replicados através das redes de comunicação e, muitas vezes, em tempo real. É notório que, não apenas adultos fazem uso diário das mídias atuais utilizando celulares, tablets, notebooks, etc., adolescentes e crianças também estão inseridos na dinâmica social hodierna. Entretanto, quando nosso olhar se volta à formação da criança na fase do primeiro ciclo do ensino fundamental, devemos estar atentos quanto ao processo necessário e primordial para que ela se desenvolva plenamente e que suas capacidades cognitivas sejam exploradas corretamente, possibilitando, assim, que se torne um adulto consciente de suas aptidões e habilidades.

Esse prisma nos permite articular e entrecruzar duas grandes áreas de conhecimento: a educação – formal, didática, norteada pelos parâmetros pedagógicos – e a comunicação – entendida como uma forma de transmitir conhecimento, informação, etc., como possibilidade de interação entre pessoas, e também como veículo de inserção no mundo. Quando pensamos no universo escolar e desenvolvimento da criança sob a atual dinâmica de comunicação, teríamos diversas mídias que poderiam ser utilizadas para auxiliar no processo de formação da educando. Optamos pelo jornal impresso por duas razões: em um primeiro momento por diferenciar-se das mídias que atualmente as crianças têm acesso e por viabilizar a interação real entre elas e não virtual como ocorre com outros recursos de comunicação. A segunda e principal razão é por ser consoante ao pensamento de Paulo Freire e Martin-Barbero: possibilitar que a criança se torne um adulto proativo e consciente de seus direitos e deveres, e que interaja em seu meio social de forma dinâmica e integrada. A partir desses parâmetros entendemos que as crianças podem ter a oportunidade de desenvolver habilidades que outras mídias não proporcionam: a construção de um jornal escolar impresso implica uma série de atividades preliminares que otimizam o aspecto cognitivo e a socialização, posteriormente a essa etapa, propicia noções de cidadania e visão crítica de mundo, temas que serão abordados a seguir.

Ao pensarmos nos campos da educação e da comunicação notamos que possuem características comuns: a estrutura dialógica<sup>1</sup>, bem como a leitura de mundo<sup>2</sup>, sendo que ambas incorporam a linguagem e o diálogo tanto na formação pessoal e social dos sujeitos quanto para a utilização das diversas mídias como recursos didático-pedagógicos em sala de aula e na exploração dos espaços escolares.

Os estudos sobre a relevância da Educomunicação<sup>3</sup>, sobretudo em território brasileiro, destacam-se aqueles realizados pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo – USP, posto que demonstram o potencial educativo oferecido pelos meios de comunicação e, ao mesmo tempo, a relevância da comunicação para o processo educativo e de conscientização dos sujeitos.

Esta relação educ comunicativa em território nacional é decorrente das contribuições pioneiras do autor brasileiro Paulo Freire (1986, 1988) e do colombiano Jesús Martín-Barbero (1997). Os autores concebem uma educação fundamentada no diálogo e na leitura crítica da mídia, aspectos que contribuem, de forma crucial, com a formação de cidadãos capazes de visualizarem seus direitos e deveres, conscientes e aptos a interagirem na sociedade em que estão inseridos.

Nesse viés, a educomunicação não se restringe apenas ao ato de possibilitar que educandos e educadores tenham contato com alguma mídia no ambiente escolar, mas sim, propicia o *educar comunicar* – termo referente à didática contínua, que ultrapassa a leitura da palavra e contempla a complexa leitura do cotidiano e do mundo, como defendia Freire (1986). Para Soares:

Educomunicação é essencialmente práxis social, originando um paradigma orientador da gestão de ações e sociedade. Não pode ser reduzida a uma parte da didática, confundida com mera aplicação das tecnologias da informação e da comunicação no ensino. Nem mesmo ser identificada com alguma das áreas de atuação do próprio campo, como a educação para e com a comunicação. (SOARES, 2011, p. 13-14)

---

<sup>1</sup> Estrutura dialógica é aquela capaz de promover o diálogo e a comunicação, a qual dá forma conflituosa e a experiência do conviver. (Comunicação para a educação – MARTÍN-BARBERO, Jesús).

<sup>2</sup> Segundo Paulo Freire, a leitura de mundo é aquela que precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa rescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. (FREIRE, 1986, p. 11-22).

<sup>3</sup> Prof. Ismar de Oliveira Soares define a Educomunicação como sendo “um conjunto das ações inerentes ao planejamento e implementação de processos e produtos destinados a: ampliar a capacidade de expressão de todas as pessoas num espaço educativo; melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas; desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios de comunicação; usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas; criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos”. Disponível em: <https://educomusp.wordpress.com/2011/11/23/o-que-e-educomunicacao/> Acesso em 15 de março de 2016.

A utilização da mídia no âmbito educacional não desenvolve no aprendiz o sentido de opressão e alienação, posto que exige do educador a condução de seu trabalho indo além da leitura apenas como aquisição, codificação e decodificação, bem como do simples ato de escuta ou de visualização dos meios midiáticos, ao contrário, é essencial o debate, o questionamento e a formação de ideias e opiniões entre quem educa e aquele que aprende.

Dentro deste contexto educ comunicativo envolvendo a formação social, formula-se questões que permeiam o dia a dia escolar, sobretudo as que se referem às práticas de leitura crítica no primeiro ciclo do ensino fundamental, o qual possui especificidades semânticas da alfabetização.

Neste ciclo uma mídia que potencialmente contribui com a formação do sujeito concebido por Freire e Martin-Barbero – cidadão capaz de visualizar seus direitos, consciente e apto a interagir na sociedade em que está inserido – é o jornal impresso, posto que contribui com a articulação de ideias, com a observância de direitos a que o sujeito faz jus e a habilidade de comunicação social, e também, pode ser utilizado em benefício da apreensão do conhecimento tanto formal quanto de mundo.

### **Dialogando entre a leitura, a comunicação e a educação**

A educação básica contemporânea, baseada no direito à cidadania, é entendida como o principal processo de desenvolvimento do potencial humano capaz de conscientizar o educando tanto no que concerne o que significa os direitos que lhe são cabíveis quanto a garantir o exercício de seus direitos civis, políticos e sociais. Porém, diversas práticas pedagógicas tornam o educando distante deste conceito, onde, no dia a dia, as práticas pedagógicas e educadores voltam-se para questões curriculares, abstendo-se, além de tolher o educando, da análise reflexiva diante dos aspectos sociais, bem como da autonomia, respeito aos saberes, a criticidade e ética.

Embora questões atuais possuam sentido norteador na educação básica contemporânea, é necessário que o educador distancie-se de uma prática fundamentada na educação bancária e paute-se em indicadores que, concomitantemente, trabalhem a formação social e cognitiva sob a ótica freireana, considerando que “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas” (FREIRE, 1996, p. 14).

A comunicação, aliada à educação e à prática da leitura crítica, propicia ao educando a vontade e capacidade de se expressar, de ler e interpretar, de criar veículos de expressão que o façam sujeito de comunicação das próprias ideias e que também seja capaz de ouvir, respeitar e entender as mensagens do outro. Nesta conjuntura, Melo (1998) ressalta a importância do

que Paulo Freire denominou de ‘Pedagogia da Comunicação’, que é fundamentada no diálogo e no incentivo à criatividade e à superação do modelo do educador-transmissor de conhecimento e do aluno como receptáculo passivo de informações. Para ele Pedagogia da Comunicação é libertadora na medida em que a “comunhão do educador e do educando afigura-se como uma pedagogia aberta, em permanente reelaboração. Quanto mais intensa a comunicação, mais rica a interação entre os participantes” (MELO, 1998, p. 266).

Partindo desta premissa, a comunicação invade o cenário educacional a fim de contribuir significativamente com a formação do aprendiz. A comunicação aqui apontada inicia-se em seu sentido mais remoto: o diálogo. Diante da dialogicidade, naturalmente, a educação bancária<sup>4</sup> deixa de ter espaço na formação do educando. Para auxiliar este processo, interferindo no contexto da realidade escolar contemporânea e social, o educador precisa implementar uma educação solidificada nas bases conceituais e dialógicas de Paulo Freire, permitindo ao educando a liberdade ao aprender e sistematizar os conteúdos, contemplando-o em suas vivências, independente do cenário em que está inserido, deve ainda, atribuir verdadeiramente o significado ao que ensina, e promover a comunicação como prática escolar e social.

A prática da leitura, associada à prática pedagógica libertadora, explora a diversidade e a pluralidade de ideias e visão de mundo. Neste contexto, o jornal impresso é forte instrumento, sobretudo no processo de conscientização, independente de codificação e decodificação do código alfabético, podendo iniciar por meio de imagens, seguido por palavras e seus significados, despertando assim o gosto pela leitura, a capacidade de comunicação do pensamento, a consciência crítica, como também, um meio de fazer uso do direito do educando da liberdade de pensamento e de expressão.

Esta aliança da Educação e da Comunicação, atuando de forma sinérgica, segundo a proposta de Freire, pode ser considerada uma maneira de vencer o antidiálogo e reforçar o papel do processo educativo e da leitura crítica como espaço de valorização do diálogo entre educador e educandos. A partir deste prisma, as pessoas reconhecem seus papéis como sujeitos, e não apenas objetos, capazes de produzir conhecimento e agir em seu meio social (MELO, 1998).

---

<sup>4</sup> A concepção bancária distingue a ação do educador em dois momentos, o primeiro o educador em sua biblioteca adquire os conhecimentos, e no segundo em frente aos educandos narra o resultado de suas pesquisas, cabendo a estes apenas arquivar o que ouviram ou copiaram. Nesse caso não há conhecimento, os educandos não são chamados a conhecer, apenas memorizam mecanicamente, recebem de outro algo pronto. Assim, de forma vertical e antidialógica, a concepção bancária de ensino “educa” para a passividade, para a acriticidade, e por isso é oposta à educação que pretenda educar para a autonomia. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/autonomia/autonomia/3.6.html> Acesso em 10 de Março de 2016.

Diante do exposto, o jornal impresso em sala de aula se revela como uma possibilidade de educar consoante à perspectiva de Educomunicação, desenvolvendo, na escola, uma formação participativa e dialógica, direcionada para a reflexão, para o trabalho em grupo e, também, a valorização da individualidade *versus* alteridade, e ainda, incrementando as experiências da criança, o que, posteriormente, implica seu futuro papel como cidadão.

### **O Jornal Impresso**

Adotar a leitura e sua prática como recurso educomunicativo dentro do cenário escolar utilizando o jornal impresso, entendemos que é uma mídia que permite apresentar visões diversificadas sobre uma sociedade, propicia ângulos diferentes sobre os acontecimentos, características que possibilitam a formação de opiniões distintas, o que implica o debate e a interação.

O jornal impresso é uma mídia riquíssima para a educação, um recurso completo, posto que promove o diálogo, contempla a troca de informações e ideias e, da mesma e significativa maneira, propicia recursos linguísticos, os quais enriquecem o processo de alfabetização e proporcionam ao educador articulações entre os conceitos e eixos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.), e mais, torna o educando um sujeito ativo e liberto, apto a compreender e exercer o processo de cidadania com participação social e política.

Desta maneira, nota-se que existe uma relação direta do educador com a sua própria conscientização do processo de leitura de mundo e libertação do educando, ou seja, é necessário que o educador desenvolva estruturas pedagógicas e perceba a relevância dos recursos didáticos pedagógicos como instrumentos capazes de auxiliar o educando neste caminho de conscientização e alfabetização.

Ao pensarmos no educando, sobretudo do primeiro ciclo do ensino fundamental, torna-se papel fundamental do educador ser aquele que possibilita a aquisição da leitura explicitada por Freire: leitura de mundo e de palavra. Esta forma de leitura está intrinsecamente relacionada ao contexto social, “uma leitura corporal desde a janela do olhar datado e sofrido, que permite uma visão menos falsa que a versão dominante, ler a palavra é lê-la como corpo consciente molhado por uma história vivida de um mundo experimentado” (FREIRE, 1982, p.13).

Para tanto, é preciso que a instituição escolar, bem como sua comunidade, apure a percepção em relação à relevância da leitura que atribui significados, que está distante da

realidade da educação bancária, a qual apresenta somente textos que visam à alfabetização, conteúdos de cunho escolar e não de significados que transitem entre a realidade e o processo de alfabetização do educando.

Neste contexto é que a comunicação aliada à educação fundamenta o jornal impresso como parte dos recursos didáticos pedagógicos capazes de proporcionar ao educando uma visão consciente do mundo e de si próprio. E mais, a leitura crítica corrobora com o processo de alfabetização do educando.

Assim Freire nos remete à relevância da leitura como conscientização dos sujeitos, sendo que é um hábito necessário, tal como outros hábitos rotineiros de todos os cidadãos e em diferentes contextos. A leitura social liberta, informa, cativa e transforma; é a leitura crítica que leva o sujeito a pensar e a apurar sua criticidade, leitura esta que deve ser introduzida como parte do processo alfabetizador e, naturalmente, integrada ao princípio da cidadania do educando, de seus direitos e deveres, de sua comunicação e de seu pensamento e, sobretudo, de sua imposição, de sua liberdade e ação, tal como mencionamos ao longo do exposto.

Freire ressalta a importância da utilização das experiências pessoais do educando, das realidades específicas em seus contextos sociais como base da alfabetização. A utilização dessa prática foi fundamentada no que ele denominou de “círculos de cultura”, sendo que neste conceito existem os princípios fundamentais: diálogo, participação, trabalho em grupo e respeito mútuo. Desta maneira, a prática dos círculos de cultura dentro da escola tem relação direta com o jornal impresso aplicado e fundamentado no contexto cultural, posto que promove a participação dos alunos inseridos em suas realidades sociais, “isso inclui, evidentemente, a língua que trazem consigo para a sala de aula” (FREIRE, 1990, p. 99).

Paulo Freire, no contexto educacional, defendia a educação com a participação da mídia, porém, apresentava suas ressalvas neste processo, pois era fundamental que a mídia em questão contemplasse o pensar crítico e a curiosidade, onde, juntamente com a educação, promoveria a formação crítica, permitindo aos educandos a anulação de suas posições como meros receptores acríticos das mensagens transmitidas dentro e na sociedade em que estavam inseridos, mas sim, colocando-os como sujeitos conscientes de sua cidadania, como explicita Guimarães:

Ele – Freire, costumava criticar muitas vezes a utilização da mídia não como meio de comunicação, mas como meio que se reduzia à transmissão de informações e “comunicados”, de maneira unidirecional. Ou seja, uma preocupação muito maior com a transferência de dados do que com a utilização do canal para o contato entre pessoas, esse ir e vir das informações. Esse tipo de crítica o Paulo já fazia na época:

as pessoas que manipulam esses meios estão mais preocupados em “enfiar” na cabeça do povo determinadas informações. Aí, se você considera toda a crítica que o Paulo faz, através de uma ideia que ele desenvolveu bem, a educação bancária, você pode transferir essa crítica também à ação de diversos meios de comunicação que, ao invés de estimular a curiosidade, o exercício crítico por parte dos leitores, ouvintes ou telespectadores, na verdade exercem um mero trabalho de transmissão de informações, como se eles fossem latas vazias que devem ser preenchidas com determinados conteúdos. (GUIMARÃES, entrevista em 06/05/2002)

Neste contexto, Freire demonstrou ter construído uma relação ambígua com a imprensa, posto que, em determinados pontos possuía uma opinião e posição contrária e, em outros, passava a defender a mídia como um recurso que auxiliava os sujeitos na busca da liberdade, porém, jamais apoiou algum veículo de informação que fosse voltado para a manipulação, ou uma mera transmissão de mensagens, sem troca, sem reflexão e sem ação. Para ele os meios de comunicação deveriam alinhar-se ao processo de democratização e da cultura da sociedade, com livre acesso da população, sem diferenciação de grupos socioeconômicos.

[...] o que os meios de comunicação estão fazendo é possibilitar um aceso maior da informação às massas populares etc., etc., etc. na verdade, esse acesso está sendo feito a uma falsa informação. Ou melhor: a informação está sendo falseada pelo poder ideológico e pelo poder econômico de quem mantém, de quem domina os meios de comunicação. Era preciso haver aí a crítica. (GUIMARAES, 2011, p. 201)

Freire concebeu a educomunicação como sendo áreas de conhecimento que precisam buscar embasamento constante através do diálogo com os sujeitos críticos e conscientes do contexto social em que estão inseridos. Baccega é consoante à visão freireana, considerando que é preciso “saber ler criticamente os meios de comunicação para conseguirmos percorrer o trajeto que vai do mundo que nos entrega pronto, editado, à construção do mundo que permite a todos o pleno exercício da cidadania”. (BACCCEGA, 2004, p. 61).

A visão de Freire (1986) é crítica em relação ao jornal impresso, pois, para ele a leitura implica a percepção das relações entre o texto e o contexto, onde é necessária a percepção de assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização, afinal, a criticidade implica a libertação, o que, naturalmente, instaura o processo de conscientização. Desta maneira o processo de construção do aprendizado se dá, igualmente, na educação não formal, aquela constituída além dos muros da escola, interferindo diretamente na relação social do educando, bem como em sua percepção de mundo. Assim, Freire nos proporciona uma visão estendida deste processo crítico, onde, por meio do jornal impresso como recurso didático-pedagógico, os educadores e educandos realizam uma reflexão crítica, deparando-se



com situações de fora da escola, mas partícipes no contexto escolar, bem como o caminho inverso, deparando-se com situações vivenciadas na esfera escolar, transferindo-as para o contexto social. E, neste prisma, Pavani dialoga com o conceito de Freire, onde apresenta:

O objetivo geral da proposta não era outro senão o de levar os jovens não apenas a ler e a escrever, mas a buscar no jornal soluções e estímulos para a construção de apenas ler um pensamento crítico, capacitando-os a encontrar soluções para os problemas que enfrentam. (PAVANI 2002, p.32)

No tocante à crítica, a qual busca a libertação dos sujeitos, o jornal impresso, na visão de Freire, não é o único responsável como uma prática educomunicativa, outrossim, a utilização deste recurso em sala de aula, desde que contenha espaço para uma prática dialógica, é fundamental, afinal, o jornal é o espelho do cenário social, ele transcreve os fatos e ações realizadas tanto pela população quanto pelo governo, e mais, o jornal impresso sozinho não pode ser visto como o responsável pelo processo de conscientização dos educandos. Há que se ir além dele para que se possa transitar em outras esferas: intraescolar, extraescolar, intersocial e interpessoal.

Paulo Freire nos faz refletir constantemente enquanto educadores acerca dos recursos didáticos pedagógicos utilizados em sala de aula no processo de alfabetização. Em sua obra “Educar com a mídia”, ele evidencia que: “o mundo encurta, o tempo se dilui. O ontem vira agora, o amanhã já está feito. Tudo muito rápido.” (FREIRE, 1997, p. 236). Ele associa o jornal impresso como a comunicação em si, pertencente a um processo impossível de manter sua neutralidade, onde a própria comunicação pode omitir verdades, conforme os interesses políticos. Desta maneira, Freire reafirma a preocupação da mídia em sala de aula, transmitindo a responsabilidade do educador em manusear este recurso didático pedagógico, não colocando os educandos como seres ingênuos e oprimidos, entregues ou disponíveis ao que leem. Assim, o jornal impresso deve ser trabalhado a fim de promover a reflexão e não a opressão.

### **Considerações Finais**

O jornal impresso, utilizado como recurso que proporciona ao aluno uma visão de mundo ampliada e mais real, e ainda, como auxiliar na formação do aprendiz - capacitando e desenvolvendo aspectos cognitivos para que ele possa interferir e contribuir com e na dinâmica social do grupo a que pertence, apresenta-se como importante ferramenta didático-pedagógica.

Compreende-se que a relação da leitura e a utilização do jornal impresso ao longo da formação do educando torna-se necessária para a construção do ser social, pois desta forma, o educando é capaz de expressar-se e escrever sobre o seu eu e suas indagações e, neste contexto, por meio da relação dialógica, o educador passa a auxiliar e compreender com maior amplitude o educando como um ser único, com experiências e necessidades, bem como a levar seu aluno a refletir e opinar perante o ambiente ao qual está inserido e a sua visão de mundo.

O artigo elucidou sobre a tendência pedagógica libertadora e a relação desta com o autor Paulo Freire, que nos aponta uma visão de educação contrária à educação tradicional, uma visão rica no aspecto humano e social, onde leva o educando a sentir-se em totalidade, inserido no processo de aprendizagem, tornando-se construtor de seus próprios saberes.

A prática da leitura iniciada na escola no período alfabetizador, somando-se à utilização do recurso didático-pedagógico – o jornal impresso - deve atribuir significados além dos muros escolares, internalizando conceitos e práticas para cada educando.

O aprendizado da leitura crítica, embasada em uma prática educ comunicativa, deve proporcionar a interação entre educando, escola e, principalmente, comunidade escolar e sociedade. Deve também propiciar uma educação realmente libertadora, com funções sociais, que seja transformadora e não julgadora, que se baseie em reflexão e ação e que insira positivamente o educando no mundo, e que este jamais se sinta partícipe de uma sociedade que o coloque em condição de oprimido, nem tão pouco que o coloque como opressor, mas sim, capaz de manifestar a vida, a liberdade, que consiga transitar socialmente de maneira crítica, com ação responsável, reflexiva, consciente de seu papel no grupo social ao qual pertence.

O artigo enseja que outros educadores queiram seguir esse caminho e possam colher ótimos resultados em suas práticas, multiplicando assim o número de alunos mais participativos e integrados com sua comunidade.

A contribuição que buscamos através da exposição dos argumentos tem como cerne não apenas a melhora da relação educador e educando, mas também a atuação consciente e produtiva de ambos nos papéis que cada qual tem no processo educacional.

## REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação/educação: apontamentos para discussão.** Revista do Programa de Pós-Graduação em comunicação e práticas de consumo. Cultura e Consumo - Volume 01, número 02 - 2004 Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/16/16> Acesso em 10 de março de 2016

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez. 1982. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo)

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 9ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** 7ª Ed. São Paulo: Olho d'Água. 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra. 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2009.

GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação.** São Paulo: Paz e Terra. 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. 1997.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social.** In: SOUZA, Mauro Wilton de. *Sujeito, o lado oculto do receptor.* São Paulo: Brasiliense. 2002, p. 39-68.

MELO, José Marques de. **Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos.** Petrópolis: Vozes. 1998.

PAVANI, Cecília. **O jornal como meio auxiliar de ensino-aprendizagem em classes de 1 Grau.** Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Psicologia Escolar. PUC-Campinas, 2005. (org.) **Jornal: (in)formação e ação.** Campinas: Papirus. 2002.

SOARES, Ismar Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação – contribuições para a reforma do Ensino Médio.** São Paulo: Paulinas, 2011.